

UMA PASTELARIA EM TÓQUIO

UM FILME DE NAOMI KAWASE



UN CERTAIN REGARD
FESTIVAL DE CANNES

tiff.40 toronto
international
film festival
Contemporary World Cinema 2015



VENCEDOR
ASIA PACIFIC SCREEN AWARDS
MELHOR ACTRIZ

PRÊMIO DO PÚBLICO
MOSTRA INTERNACIONAL DE SÃO PAULO
MELHOR FICÇÃO INTERNACIONAL

VENCEDOR
SEMANA INTER. DE CINE DE VALLADOLID
MELHOR REALIZADOR

DOSSIER DE IMPRENSA

WWW.LEOPARDOFILMES.COM



UN CERTAIN REGARD
FESTIVAL DE CANNES

tiff.40 toronto
international
film festival

Contemporary World Cinema 2015

UMA PASTELARIA EM TÓQUIO

UM FILME DE NAOMI KAWASE



VENCEDOR
ASIA PACIFIC SCREEN AWARDS
MELHOR ACTRIZ



PRÊMIO DO PÚBLICO
MOSTRA INTERNACIONAL DE SÃO PAULO
MELHOR FICÇÃO INTERNACIONAL



VENCEDOR
SEMANA INTER. DE CINE DE VALLADOLID
MELHOR REALIZADOR

2015 / JAPÃO / 113 MINUTOS

DISTRIBUIÇÃO LEOPARDO FILMES
ESTREIA 28 DE JULHO

comme
des
cinémas

★-TEL
nagoyaTV.com

TW
ENTV
TOKYO
JAPAN

arte

[dvd]

medienboard
Berlin-Brandenburg

WWW.LEOPARDOFILMES.COM

mk2



INSTITUT
FRANÇAIS

CINEMAX

ANTENA 1

LEOPARDO
FILMES



SINOPSE

Sentaro gere uma pequena pastelaria que serve dorayaki - uma espécie de panqueca recheada com uma pasta doce de feijão azuki (“an”).

Quando Tokue, uma senhora idosa, se oferece para ajudar na cozinha, Sentaro aceita-o mas de forma relutante. Porém, Tokue revela ter magia nas suas mãos quando se trata de cozinhar “an”. Graças à sua receita secreta, o pequeno negócio prospera rapidamente...

E com o tempo, Sentaro e Tokue irão abrir os seus corações e revelar velhas feridas.

NOTA DE INTENÇÕES DA REALIZADORA

As cerejeiras em flor lembram-nos a morte. Não conheço nenhuma outra árvore cujas flores desabrochem de uma forma tão espetacular, para logo de seguida as suas pétalas se espalharem também subitamente. Será esta a razão do nosso fascínio com as cerejeiras em flor? Será por isto que somos impelidos a ver nelas o reflexo das nossas próprias vidas?

Sentaro, Tokue e Wakana conhecem-se quando as cerejeiras estão em flor. As trajetórias destas três pessoas são bastante diferentes. E, no entanto, as suas almas cruzam caminhos e encontram-se nas mesmas paisagens.

A nossa sociedade nem sempre está predisposta a deixar que os sonhos de cada pessoa se tornem realidade. Por vezes, ela engole-nos as esperanças.

Depois de sabermos que Tokue está infetada com lepra, a história leva-nos numa busca pela verdadeira essência daquilo que nos torna humanos. No papel de realizadora, tenho a honra e o prazer de explorar diferentes vidas através do cinema, como acontece neste filme.

Ao desvendar os mecanismos complexos desta sociedade, espero contribuir para a compreensão da verdadeira essência da existência.

UMA PASTELARIA EM TÓQUIO é o encontro de duas almas que se unem para enfrentar os obstáculos da vida. Quantas vezes deveremos ser derrubados antes de conseguirmos alcançar o paraíso?

Às vezes, um silêncio impenetrável subjuga-nos. E no entanto, a alegria que resulta do compromisso e da ligação com o mundo permite-nos apreciar melhor as suas mudanças e evolução. Através deste filme, desejo então revelar e realçar a alegria que somos capazes de sentir nestes momentos particulares.

Ao longo das nossas vidas, há alturas em que podemos dar por nós carregados de remorso e desespero, e sentimo-nos à beira de desistir. Apesar disto - ou talvez por causa disto - somos todavia capazes de nos agarrar às nossas esperanças e de continuar a ter fé no futuro.

Naomi Kawase





NAOMI KAWASE

Um dos nomes mais fortes do cinema japonês atual, Naomi Kawase é igualmente uma das realizadoras mais aclamadas no panorama cinematográfico mundial, com as suas obras frequentemente selecionadas para os mais prestigiados festivais de cinema a nível mundial.

O seu percurso foi marcado pela atribuição do Prémio Caméra D'or (Melhor Primeira Obra) no Festival de Cannes, tornando-se na pessoa mais jovem a receber este prémio, graças ao seu filme *Moe No Suzaku* (1997), que havia sido exibido na Quinzena dos Realizadores. Com um percurso cinematográfico que se iniciou com a realização de curtas-metragens documentais (percurso que tem explorado até à data), foi com esta longa-metragem que Naomi Kawase se fez notar mundialmente.

Em 2000, realiza *Hotaru*, filme que a coloca de novo em destaque nos grandes festivais de cinema. Desta vez, a obra é apresentada em Competição no Festival de Locarno, onde é galardoada com o Prémio C.I.C.A.E. e com o Prémio FIPRESCI. No BAFICI – Festival de Cinema de Buenos Aires, o filme recebe o Prémio de Melhor Actriz.

Com *Sharasôju* (2003) regressa ao Festival de Cannes, desta vez na Competição Oficial. O filme é incluído ainda na Seleção Oficial da Viennale – Festival de Cinema de Viena. O documentário *Tarachime* conquista uma Menção Especial no Festival de Locarno e recebe ainda o Prémio New

Vision num dos mais importantes festivais de cinema documental, o CPH:DOX.

Em 2007, Naomi Kawase regressa com uma longa-metragem de ficção ao Festival de Cannes. *Mogari No Mori*, que competia pela Palma de Ouro, acaba por vencer o Grande Prémio do Júri nessa edição do festival, tornando Kawase a primeira mulher a receber este galardão. Em 2009, a realizadora é galardoada com o Carrosse D'Or, prémio de homenagem atribuído durante a Quinzena dos Realizadores no Festival de Cannes.

Em 2011, o Festival de Cannes volta a receber a cineasta japonesa com o filme *Hanezu*, integrando-o na Seleção Oficial em Competição. No mesmo ano o filme é ainda incluído na Seleção Oficial do Festival de Cinema de Sitges. Em 2012, Naomi Kawase não só é homenageada no Festival de Locarno como é alvo de uma retrospectiva na Cinemateca Francesa, e o seu documentário *Genpin* é selecionado para o Festival de San Sebastián.

Em 2013 é convidada a fazer parte do júri oficial do Festival de Cannes. No ano seguinte volta ao Festival mas a concurso, já que o seu filme *A Quietude da Água* foi selecionado para a Competição Oficial. Referido como mais um ponto alto na linguagem cinematográfica depurada de Kawase, esta longa-metragem foi distribuída em 2015 pela Leopardo Filmes, sendo o primeiro filme da realizadora japonesa a ter estreia comercial em Portugal.

ENTREVISTA A NAOMI KAWASE

Como lhe surgiu a ideia de adaptar o livro “An”, de Dorian Sukegawa, editado no Japão em 2013?

Na verdade, Dorian Sukegawa surge como ator num dos meus filmes, “Hanezu no Tsuki” (2012). Fomos a Cannes juntos quando o filme esteve selecionado para a Competição Oficial e, enquanto estivemos lá, ele falou-me resumidamente acerca da história de “An”. Depois de terminar o livro, enviou-mo e perguntou se eu queria fazer um filme baseado nele. Eu li-o e fui atraída pelo modo cuidado como este esboça a presença “daquilo que é invisível” na vida. O cinema é o veículo no qual construímos a realidade com aquilo que visível, mas ao mesmo tempo acredito que ele pode também criar a presença daquilo que é invisível na vida e apresentá-lo a nós enquanto público.

Este filme é muito pessoal? Como é que adaptou a história do livro para escrever o argumento do filme?

Quando estava a escrever o argumento, fechei-me na biblioteca que fica no interior da propriedade do Sanatório Nacional Tama Zenshoen, situado nos arredores de Tóquio e que acolhe pacientes e ex-pacientes com lepra.

Também passei algum tempo a caminhar sozinha pela floresta do sanatório, para sentir a luz e o vento reais do local, e a conversar com alguns ex-pacientes que ali vivem, para poder trazer mais realidade ao meu argumento, assim como ajudar a transformar a linguagem literal numa linguagem mais cinematográfica.

De um ponto de vista pessoal, vi em particular a personagem da Tokue, uma das três principais, como um reflexo da minha própria mãe adotiva, que faleceu há três anos.





As três personagens principais do filme são pessoas solitárias que, por diversas razões, não se encaixam na sociedade. Como é que as suas situações mudam ao longo do filme? A que conclusões é que elas chegam?

Primeiro, ninguém pode viver sozinho. É isto que penso acerca de nós enquanto seres humanos. E também que a maioria de nós passou por algum tipo de desaires na vida. Por vezes, esses desaires podem mudar a vida de uma pessoa de forma dramática. Mesmo assim, cada um de nós deve ter ainda o poder de continuar a viver a sua vida independentemente de tudo o resto. Acredito que isso é intrínseco à nossa natureza. No entanto, por vezes, as nossas sociedades podem confrontar essa vontade e desejo de uma pessoa.

Neste filme podemos ver a personagem principal, Tokue, a ser “roubada” de grande parte da sua vida, mas, ao mesmo tempo, ela também aprendeu uma série de coisas com a situação muito particular na qual foi colocada. Ao serem ajudadas ou afetadas por Tokue, que viveu e passou por muito mais do que elas, as duas outras personagens principais, Sentaro e Wakana, alcançam as suas próprias formas de acreditar em si mesmas e de serem capazes de dar um passo pequeno mas muito importante no sentido de avançarem com as suas vidas.

A sociedade é assim um tão grande agente de exclusão? Ou pensa que são as pessoas a criar as suas próprias barreiras?

Nas sociedades contemporâneas, parece-me que, por vezes, são as pessoas que criam as suas próprias barreiras. Como consequência disso a uma escala mais alargada, essas barreiras podem levar-nos a recriar as ideias e atos de nos tentarmos livrar dos “outros”. Por vezes, ao olharmos para uma pessoa à distância pensamos que ela está demasiado zangada, mas se nos aproximarmos o suficiente reparamos que, na realidade, pode estar a chorar. Ou seja, essa pessoa pode estar simplesmente à procura do calor humano das outras.

Mesmo que desta vez a ação decorra apenas na cidade, ao contrário do seu filme anterior "A Quietude da Água", a natureza continua a ser mostrada de uma forma soberba em UMA PASTELARIA EM TÓQUIO. Qual o papel desempenhado pela natureza neste filme?

No essencial, o papel da natureza neste filme não é diferente do que desempenhava no meu filme ou filmes anteriores. A natureza é algo que toma conta de nós, seres humanos, de uma forma tranquila. As cerejeiras, por exemplo, não proferem qualquer palavra, mas compreendem e aceitam o que somos e como somos. Elas produzem flores a cada estação, independentemente de tudo o resto, o que é bastante encantador.

Como é que escolheu os atores principais?

Para a Tokue, conversei com o Dorian Sukegawa, autor do romance, e decidimos convidar a atriz Kiki Kirin. Ela leu a história original e aceitou o nosso convite imediatamente e com grande alegria. Para o Sentaro, há muito que sonhava em fazer um filme com o Masatoshi Nagase. E ele assumiu essa minha paixão com enorme agrado. Quanto ao papel da Wakana, levou algum tempo até decidirmos finalmente qual a atriz que o iria desempenhar, mas, no final, optámos pela Kyara Uchida, que na vida real é neta da Kiki Kirin, que faz de Tokue.

Acredita que coisas simples como receitas culinárias podem mudar as vidas das pessoas?

Sim, acredito. Para ser sincera, adoro comer e não resisto a pratos deliciosos. Comer boa comida faz-me muito bem à alma e deixa-me feliz. Também acredito que ninguém fica zangado quando está a comer comida deliciosa.



CRÍTICAS



“A beleza assombrosa dos planos – essa gaze fina que faz vibrar as paisagens, essa humanidade intensa dos rostos filmados como uma carícia, esses ramos inebriantes que nos remetem ao âmago dos tempos primordiais, essas imagens suspensas onde a ausência repentina de uma personagem se transforma no todo dessa imagem – só é válida porque revela a superficialidade do mundo, a injustiça profunda da sociedade, a crueza do isolamento e a morte.”

“A arte da gastronomia não se aprende verdadeiramente senão na intimidade partilhada pelos corpos sobre os fogões, nos murmúrios sibilinos, e nos encontros que alimentam o coração.”

★★★★★ Le Monde

“A lentidão também é doce no cinema de Naomi Kawase, que nunca trata com brusquidão as suas personagens e prefere habituá-las umas às outras. Como ela nos habitua à sua sensibilidade, frequentemente desconcertante mas por fim esclarecedora e como ficamos felizes no final de UMA PASTELARIA EM TÓQUIO, por termos podido partilhar.”

“Há uma doçura quase açucarada em Tokue, terna como os seus bolos. Mas também a dor secreta que ela traz em si e que faz ressurgir um passado tabu: a época em que o Japão condenava ao isolamento os doentes de lepra. Cada existência é feita de feridas. Também o vendedor de dorayakis as esconde, mais banais, mas não menos pesadas de carregar.”

“Desenvolvendo este ensaio com simplicidade e candura, Naomi Kawase (A Quietude da Água) não cessa de nele procurar matéria de elevação. Ela mantém-se assim fiel ao impulso de espiritualidade que percorre o seu cinema, mas encontra, através da personagem de Tokue, uma maneira mais comovente de exprimir a sua fé nas forças invisíveis presentes no nosso mundo quotidiano.”

★★★★★ Télérma

“Todas as cenas na pastelaria entre as três personagens são belíssimas, cativantes e emocionantes. A sobriedade da cineasta é saborosa.”

★★★★ Le Nouvel Observateur

“Esta elegância do filme opõe-se à brutalidade da sociedade que retrata Naomi Kawase. A cineasta conta-nos a violência surda deste mundo delicado.”

★★★★ Positif

“Este filme convida-nos para uma magistral lição de vida e de poesia, com tonalidades tão subtis como as das cerejeiras em flor.”

“Retomando os temas que lhe são caros – a natureza e a partilha –, a cineasta japonesa Naomi Kawase, após o notável ‘A Quietude da água’ (2014), propõe-nos uma delicada crónica em torno de três Robinsons, três náufragos da vida nas suas ilhas urbanas.”

★★★★ Paris Match

“Estas ‘delícias’ deixam-se apreciar sem desprazer.”

★★★ Cahiers du Cinéma

“O novo filme da autoria de ‘Shara’ retrata muito bem o Japão contemporâneo e a transmissão do saber e do gosto. Um belo gesto.”

★★★ Les Inrockuptibles





“Filmado e interpretado de forma belíssima, o filme ganha um derradeiro sentido de esperança ao confrontar tristeza e sofrimento com compaixão.”

The New York Times

“O acto final do filme assume um tom poético familiar às obras mais esotéricas de Kawase: os rumos da humanidade e da natureza entrelaçam-se numa série de sequências delicadamente compostas.”

“Uma ode sentimental às virtudes da paciência, tolerância, e das panquecas recheadas com doce de feijão, que é facilmente o filme mais acessível da realizadora até agora.”

“Kawase recompensa o público com um pico de sensibilidade eficazmente capaz de emocionar.”

Variety

“O filme mantém os pontos fortes da obra de Kawase: a belíssima fotografia, o trabalho de excelência com os actores, e uma atmosfera muito particular.”

Indiewire

“Os fãs de Naomi Kawase irão receber ‘Uma Pastelaria em Tóquio’ de braços abertos, apreciando o seu ritmo lento, a sua poesia contemplativa e a sua noção de que uma das chaves para a felicidade, ou pelo menos para a alegria na vida, é uma comunhão total entre o homem e a natureza.”

Screen International

“Um conto maravilhoso sobre o qual se manifesta a sensibilidade poética desta cineasta única.”

★★★★ El Mundo



FICHA TÉCNICA

Elenco

Tokue Kirin Kiki

Sentaro Masatoshi Nagase

Wakana Kyara Uchida

***Dona da Loja de Dorayaki* Miyoko Asada**

Yoshiko Etsuko Ichihara

Produção

Comme Des Cinémas

Nagoya Broadcasting Network

Twenty Twenty Vision

Co-Produção

Aeon Entertainment

Kumie, Poplar Publishing

Hakuhodo, Elephant House

The Asahi Shimbun Company

Zdf/Arte, Mam

Com o apoio de

CNC

Medienboard Berlin Brandenburg

Agency For Cultural Affairs, Japan

Produtores

Masa Sawada

Koichiro Fukushima

Yoshito Oyama

Co-Produtor Thanassis Karathanos

Argumento Naomi Kawase

Baseado no Romance AN

de Durian Sukegawa (Poplar Publishing)

Realização Naomi Kawase

Fotografia Shigeki Akiyama

Iluminação Yasuhiro Ohta

Director de Arte Kyoko Heya

Assistente de Realização Yuki Kondo

Montagem Tina Baz

Música David Hadjadj

Som Eiji Mori

Design de Som Roman Dymny

Edição de Som Boris Chapelle

Mistura de Som Olivier Goinard

